
O Choro do Tigre
e a Dama de Branco
IGOR ALCANTARA

O Choro do Tigre e a Dama de Branco

Igor Alcantara

© 2026 Igor Alcantara · igoralcantara.com/stories

I

A Jaula

O Tigre acordava todas as manhãs na mesma jaula.

Ela tinha três paredes de pedra clara e um chão sempre frio sob suas patas. O quarto lado era feito de barras de ferro, e além delas se estendia uma longa passagem de pedra. Não havia grama, nem água onde pudesse nadar. Num canto havia uma plataforma baixa onde ele dormia enroscado, com a cauda em volta do corpo e as costas contra a parede. No alto da parede dos fundos havia uma pequena abertura quadrada, também gradeada. Por ela, ele via uma árvore e, atrás dela, o céu mudando de cor.

Ele era um animal grande, e a jaula era pequena. Quatro passos bastavam para ir de uma parede à outra. Então caminhava, quatro passos e uma volta, quatro passos e uma volta, com os ombros oscilando e a cabeça baixa.

As pessoas vinham pela passagem para olhar para ele. As crianças gostavam de espiar por entre os ombros dos adultos, onde podiam se esconder depressa se ele se mexesse. O Tigre aprendera a olhar para o chão. Se retribuísse o olhar, elas ficavam mais tempo.

Havia outras jaulas ao longo da passagem. Ele não conseguia vê-las, mas à noite ouvia os animais lá dentro. Um ria, talvez fosse um pássaro. Outro batia na porta durante horas, quem sabe um gorila. Outro batia os pés no chão como faria um elefante.

Antes da jaula, havia a floresta. À beira da floresta, havia o homem.

A cada ano, as luzes da cidade se acendiam um pouco mais perto das árvores. Ao anoitecer, o homem saía de entre aquelas luzes, num casaco cinza que cheirava levemente a tabaco quando o vento soprava na direção certa. Sentava num tronco caído e tirava as chaves do bolso. Às vezes as revirava na palma da mão. Às vezes falava tão baixo que o Tigre ouvia sua voz sem distinguir uma palavra.

O Tigre aprendeu o som dos seus sapatos e a hora em que chegavam. Quando o homem se atrasava, ficava de olho no caminho.

Certa tarde, o homem ergueu os olhos. O Tigre estava entre duas árvores, perto o bastante para enxergar um carrapicho preso na lã do casaco. O homem guardou as chaves no bolso e voltou para casa. Na tarde seguinte, veio de novo.

Depois disso, a cada noite ele avançava um pouco mais por entre as árvores. Na última noite, passou direto pelo tronco caído. O Tigre o seguiu até uma clareira onde havia luz apenas o suficiente para enxergar as pedras.

Lembrava das chaves tilintando numa daquelas pedras. Lembrava que, mesmo quando saltou, o homem não ergueu as mãos.

O Tigre o devorou ali. De manhã, restava apenas o casaco cinza, como uma pele da qual alguém tivesse saído.

Os caçadores vieram com cães. O Tigre correu até que uma rede o derrubou. Prendeu um pedaço de corda entre os dentes e não o soltou nem depois de ser trancado na caixa. Por muito tempo, ao limpar as patas, ainda sentia o gosto da corda.

Às vezes, na jaula, ainda sentia o gosto do homem. Não como carne. Algo mais tênue. Como o gosto de uma palavra que se disse

vezes demais, até que não signifique nada.

Às vezes se atirava de ombro contra as grades. Um dos tratadores batia no ferro com uma vara até que ele recuasse para o fundo da jaula. Outro esperava em silêncio até que ele se deitasse, e então fazia o jantar passar pelas barras. Ele os conhecia pelos passos.

Apesar de toda a violência e da falta de espaço ou de esperança, não odiava os tratadores. Eles tinham medo dele, e gente com medo constrói jaulas.

Tigres não deveriam chorar. Ele sabia disso como os animais sabem das coisas, sem que ninguém lhes diga. Os olhos de um tigre produzem água para afastar a poeira, e por nenhum outro motivo. Ainda assim, à noite, em sua plataforma, seu rosto estava molhado. De manhã, o tratador via os sulcos escuros no pelo sob seus olhos e chamava o outro para olhar. Nunca tinham visto um tigre chorar. Ninguém tinha. O Tigre não sabia de onde vinham as lágrimas. Às vezes pensava que era o homem, chorando de algum lugar dentro dele, como se tivesse devorado não só a carne, mas também a alma.

Viveu assim por talvez anos. O tempo dava voltas na jaula. Quatro passos e uma volta.

Então, numa noite, ele a viu.

II

A Dama de Branco

A princípio, achou que ela fosse o luar. Aquela luz bela e intensa que brilha na escuridão.

Havia uma janela alta no fim da passagem. Nas noites claras, a lua deixava uma mancha branca sobre as pedras. A mulher saiu daquela mancha num longo vestido branco. Estava descalça. Caminhava como alguém que já percorreu o mesmo trajeto mil vezes e não espera nada dele.

Quando ela passou pelas grades, o Tigre ergueu a cabeça e a acompanhou com os olhos.

Ela parou. Virou-se muito devagar e olhou para ele. Deu um passo para a esquerda, e os olhos dele a seguiram. Deu um passo para a direita, e eles a seguiram outra vez.

“Você consegue me ver.”

Um som subiu do fundo do peito do Tigre, baixo e áspero. Já fizera aquele som para os rostos diante das grades, e eles sempre recuavam.

Ela não recuou. Aproximou-se e inclinou a cabeça, como fazem as pessoas quando ouvem uma música ao longe.

“Consegue”, disse ela. “Está olhando bem para mim.”

O Tigre a olhou por um longo momento e respondeu.

“É claro que consigo ver você.”

“Eu sabia”, respondeu a Dama de Branco.

“Você consegue me entender?”, perguntou ele.

“É claro que consigo entender você.”

“Ninguém consegue. Eu falo, e eles ouvem um animal.”

“Eu falo”, disse ela, “e eles não ouvem nada.”

Ela se sentou nas pedras diante da jaula, perto das grades, mais perto do que qualquer um jamais chegara. O luar parecia penetrar um pouco nela, como a luz penetra na água.

“Eu estou morta, sabe”, disse ela. “Morri aqui há muito tempo. Lembro de caminhar depois. Não lembro de morrer.”

Naquele instante, o tratador da noite veio pela passagem. As chaves tilintavam contra sua coxa. Ele olhou para dentro da jaula e seguiu em frente sem virar o rosto para ela.

“Ele nunca diz boa-noite”, disse ela. “Eu ainda digo, às vezes.”

“Por que eu consigo ver você?”

“Minha avó dizia que os animais enxergam os mortos. Ela deixava uma porta entreaberta quando o cachorro ficava olhando para ela.” A Dama apoiou o rosto no joelho. “Fico feliz que você seja um tigre.”

Ninguém jamais ficara feliz com aquilo.

Ela voltou na noite seguinte. Gostava das listras dele. Dizia que pareciam uma escrita, e que um dia aprenderia a lê-las.

Ergueu um dedo e acompanhou uma listra no ar, do ombro até a pata.

“O que elas dizem esta noite?”, perguntou ele.

“Dizem que você é um tigre.”

Aquilo se tornou uma brincadeira dos dois, e a maneira como se desejavam boa-noite.

Ela se lembrava de um jardim onde agora havia um pátio vazio. Havia rosas que ninguém cortava. Um sino tocava ao entardecer,

e, quando o vento soprava do lado certo, era possível ouvi-lo mesmo com as janelas fechadas. Ele lhe contava como ficava o capim alto depois da chuva e onde o rio era raso o bastante para atravessar. Contava que as pedras guardavam o calor depois que o sol se punha.

Sentados dos dois lados das grades, davam um ao outro lugares que já não existiam.

Uma noite, ele lhe contou sobre o homem. Contou sobre o casaco, as chaves e o pouco barulho que o homem fizera. Então esperou que ela se levantasse e fosse embora. Ela ficou.

“Ele vinha todas as noites?”, perguntou ela.

“Mesmo com chuva.”

Ela pensou um pouco. “Às vezes vou até o fim da passagem só para ver se alguém vai se virar.”

Ele deitou a cabeça perto dos pés dela. Ela ficou até a luz sair do chão.

Por muito tempo não se tocaram. A Dama dizia que, quando tentava alcançar as coisas, suas mãos as atravessavam. Havia anos desistira de tentar. Quando lia as listras dele, deixava um pouco de ar entre o dedo e o pelo.

Então, numa noite, ele chorou enquanto ela estava ali. Manteve a cabeça baixa, e uma lágrima ficou suspensa no pelo sob seu olho. Ela passou a mão entre as grades e a apanhou antes que caísse.

“Está quente”, disse ela.

Esperou um momento e pousou a palma no rosto dele. Sua mão estava fria da passagem. Ele se apoiou nela até que o ferro

apertasse sua face.

O som baixo começou outra vez em seu peito. Ela deixou a mão onde estava.

Um tigre e um fantasma. Ele sabia como aquilo soava. Um tigre deveria amar a escuridão entre as árvores e nada mais. Mas a floresta se fora, e ela vinha todas as noites, e ele já não conseguia se lembrar do que esperava antes de esperar por ela.

III

O Despertar

A Dama de Branco acordou com um pé fora das cobertas. O outro estava tão quente que ela sentia a costura do lençol contra os dedos. Ficou imóvel por algum tempo, tentando lembrar a última vez que sentira calor.

Uma mulher de verde-claro entrou com uma bandeja.

“Bom dia”, disse a mulher.

A Dama de Branco esperou que ela passasse. A mulher pousou a bandeja e também esperou.

“Bom dia”, disse a Dama de Branco, por fim.

A mulher quase deixou a bandeja cair. Então sorriu, um sorriso de verdade, e estendeu um copinho de papel com dois comprimidos.

A compreensão veio devagar, como a água fria que vai entrando pelos sapatos num dia de chuva. Alguém lhe dissera bom dia todos os dias. Durante todos aqueles anos, pessoas lhe deram

comida, lavaram seus cabelos, a conduziram pelo braço, falaram com ela e esperaram por uma resposta que não vinha. Ela nunca fora invisível. Em algum momento, deixara de acreditar que alguém olharia para ela, e depois disso já não conseguia ver que olhavam.

Havia um nome num cartão ao lado da porta. Ela o leu uma vez, depois outra. Na segunda, ouviu aquele nome na voz da mãe.

Estava num hospital. Havia uma grade na janela e uma fechadura na porta. No banheiro, o espelho era uma placa de metal polido. Devolveu-lhe uma mulher com a marca do travesseiro atravessando a face e uma pequena cicatriz no queixo. Ela esfregou a marca até que desaparecesse. A cicatriz ficou.

Mais tarde, a médica perguntou do que ela se lembrava. Ela falou do jardim e do sino. A médica disse que o novo tratamento parecia estar ajudando. Se as próximas semanas corressem bem, poderiam conversar sobre ir embora.

A mulher um dia soubera comprar uma laranja, esperar um ônibus na chuva. Tentou imaginar-se fazendo uma coisa ou outra de novo. Em vez disso, o que lhe veio foi o peso da cabeça do Tigre contra sua palma. Se ela não era um fantasma, o que era ele?

Esperou pela noite. Foi o dia mais longo de sua vida. Esperou até que baixassem as luzes.

A passagem era um corredor. Havia portas dos dois lados e um piso encerado que rangia sob os sapatos do enfermeiro. Ele ergueu os olhos do livro e acenou com a cabeça. Ela se lembrou de que ele também fizera aquilo em outras noites. Uma vez, lhe trouxera um par de chinelos. Ela continuara andando, e ele os deixara do lado de fora do quarto.

Encontrou a porta cinza. O trecho gradeado tinha apenas a largura de suas duas mãos abertas. Através dele, via uma cama e o quadrado escuro da janela.

Um homem magro estava deitado no chão, com a cabeça sobre os braços. Os cabelos começavam a ficar grisalhos acima das orelhas. Ao ouvir os pés dela, ergueu a cabeça.

“Você se atrasou esta noite”, disse ele.

Ela reconheceu a voz antes que ele terminasse de falar. A voz do Tigre.

Ele se levantou e veio até a porta. Virou o ombro para ela e esperou. A manga da camisa estava amontoada acima do cotovelo. Abaixo dela, ela via as veias finas e azuis de seu braço pálido.

Ela tinha seu nome de volta. Podia dizê-lo a ele agora. Podia lhe contar sobre o enfermeiro e os chinelos, e ele teria de encontrar outra maneira de entender as noites em que ela viera vê-lo.

Ele nunca lhe pedira que provasse estar morta.

Ela passou a mão pela abertura. Seu dedo percorreu o ar acima do braço dele, do ombro ao pulso.

“O que elas dizem esta noite?”

“Dizem que você é um tigre.”

Os ombros dele baixaram um pouco. Ele se apoiou na porta.

Era a primeira mentira que ela contava em anos, e a coisa mais verdadeira que já dissera a alguém.

Depois disso, aprendeu a fingir.

Na consulta seguinte, a médica perguntou se ela havia pensado mais em ir embora. A mulher olhou para as mãos da médica, que eram pequenas e tinham um pouco de tinta num dos polegares.

“Ontem à noite senti que estava ficando tênue de novo”, disse ela. Aquela foi sua segunda mentira.

A médica tampou a caneta. “Podemos esperar mais um pouco.”

Naquela noite, a mulher tirou os chinelos de debaixo da cama e os calçou. Ao chegar à janela alta, tirou-os e os deixou ali embaixo. Percorreu o resto do caminho descalça. Sabia o quanto ele escutava à sua espera.

Todas as noites ia até a porta dele. Todas as noites lia as listras que não conseguia ver. Ele olhava para ela como se fosse feita de luar, e ela deixava.

IV

Os Dias de Lucidez

A carne mudou. Depois do jantar, um amargor novo ficava no fundo de sua língua. Durante vários dias, ele comeu, caminhou seus quatro passos e esperou pela Dama.

Então, numa manhã, acordou e descobriu que suas patas eram mãos.

Abriu e fechou os dedos. Havia um pouco de sujeira sob uma unha. Raspou-a com a borda do polegar e se perguntou havia quanto tempo sabia fazer aquilo.

Sentou-se. Estava numa cama estreita. A árvore continuava do lado de fora da janela, e agora que conseguia vê-la inteira percebeu um galho quebrado preso nos outros galhos. Sempre que o vento passava, ele se erguia e caía de volta no mesmo lugar.

Uma tratadora entrou com uma bandeja, e era uma enfermeira. Disse bom dia. Ele já ouvira aquele som uma centena de vezes. Hoje eram duas palavras.

“Bom dia”, disse ele.

A enfermeira pousou a bandeja na cama, ao lado dele. Seus olhos se encheram de água. Trouxera torradas. Ele pegou uma e deixou a marca do polegar na manteiga.

Mais tarde, uma médica lhe pediu que contasse uma coisa de que se lembrasse de antes de chegar ali. Ele disse que havia um rádio em seu apartamento. Levou um instante para entender que estava falando do próprio apartamento. Lembrou de deixar o rádio ligado enquanto comia. Às vezes, depois do jantar, ficava ouvindo a previsão do tempo até o fim, embora o homem que a lia já tivesse dito que ia chover.

No elevador, costumava dar bom dia aos vizinhos. Eles observavam os números mudarem acima da porta. Depois de um tempo, ele também aprendeu a olhar para os números.

Lembrou do casaco cinza. As chaves eram dele. Fora à floresta naquela última tarde porque ali suportava ficar sozinho. Quando chegou ao tronco caído, continuou andando. Na clareira, tirou o casaco. Ouvia as chaves baterem na pedra com tanta nitidez como se tivessem acabado de cair de sua mão.

Ninguém o devorara. Ele deixara o casaco e as chaves no escuro. O que se levantou pela manhã tinha listras.

A médica lhe disse que os primeiros dias com o remédio novo poderiam oscilar. Em algumas manhãs teria certeza do que via, em outras talvez precisasse esperar um pouco. Pediu que avisasse a enfermeira quando aquilo acontecesse.

Naquela tarde, sentou-se numa sala com outras pessoas. Um homem, com um rádio encostado no ouvido, ria em pequenos rompantes. À sua frente, uma moça batia com os nós dos dedos no braço de madeira da cadeira. De vez em quando parava para esfregar a mão. Ele a ouvira através da parede durante tantas noites que sabia, antes que ela o fizesse, quando começaria de novo.

Quando baixaram as luzes, voltou para o quarto e esperou junto à porta.

A mulher veio pelo corredor, do lado da janela alta. Sua camisola tinha o branco dos lençóis que já foram lavados uma centena de vezes. Seus pés descalços estavam rosados de frio. No pulso havia uma pulseira com um nome. Ele o leu para si. Nunca lhe ocorrera perguntar se ela tinha um.

O enfermeiro da noite passou e tocou no ombro dela. “Mais dez minutos”, disse.

O ombro dela se contraiu. Por um instante, virou-se para ele. Então parou e deixou o olhar passar por ele até a parede.

Quando o enfermeiro se foi, ela ergueu o dedo para ler a listra. Ele virou o ombro, como fizera em todas as outras noites. De onde estava, via as pequenas manchas vermelhas que o frio fizera aparecer nas juntas dos dedos dela. Por quantas noites ela caminhara descalça naquele chão?

“O que elas dizem esta noite?”, perguntou ele.

“Dizem que você é um tigre.”

Por um momento, quase disse o nome dela. Queria saber como soaria quando alguém o dissesse baixinho. Ficou imóvel até que o dedo dela chegasse ao seu pulso.

Na terceira manhã, havia uma linha na parte de dentro de seu pulso, pálida como um traço de lápis. Ele a esfregou até que a pele ao redor ficasse quente.

No dia seguinte, a médica usou a palavra alta. Depois, ele se sentou na beira da cama e tentou imaginar uma cozinha com a mulher dentro. Conseguia imaginar o vapor na janela e a colher deixada para ela ao lado do fogão. Sempre que tentava imaginar o que lhe diria ali, ouvia a si mesmo perguntando o que as listras diziam naquela noite.

Será que ela amaria o homem tanto quanto amava o tigre?

V

O Copo de Papel

Naquela noite, a enfermeira lhe trouxe um copinho de papel com um único comprimido azul. Ao redor dele, ainda se via um pouco do fundo branco.

“De agora em diante, você pode tomar sozinho”, disse ela.

Deixou um copo d’água sobre a mesa e saiu, deixando a porta aberta. No corredor, alguém riu, e outra pessoa respondeu. Ele ficou sentado na cama até que o papel cedesse um pouco sob seus dedos.

Passara o dia querendo as coisas que um homem podia ter. Uma chave só sua. Uma janela que pudesse abrir. A chuva no rosto quando não havia motivo para entrar. Achava que poderia aprender a jantar com o rádio desligado. Às vezes aumentava tanto o volume que o homem lendo a previsão do tempo parecia sentado à mesa com ele.

Tentou mais uma vez imaginá-la na cozinha. Havia uma colher para ela ao lado do fogão. Conseguia ver o vapor na janela. Chegava a dizer o nome dela, e ali a imagem parava. Conseguia se ouvir dizendo o nome. Nunca conseguia ouvir a resposta dela.

O homem só tinha perguntas, dúvida e esperança.

O Tigre sabia onde ela estaria. Sabia quais pedras guardariam o luar e até onde ela chegaria antes de dizer uma palavra. Quatro passos bastavam para levá-lo a qualquer lugar aonde pudesse ir. No quarto, podia encostar o rosto nas grades e sentir a mão dela.

À beira da floresta, o homem quisera ser um tigre. Pensara que um tigre podia viver a vida inteira sozinho sem jamais sentir falta de ninguém. Agora o tigre queria ficar, e o homem, que enfim aprendera a sentir saudade de alguém, queria a porta.

Levou o copinho até a janela alta.

Ela estava sentada ali, de chinelos. Ao ouvir seus passos, começou a tirar um pé. Ele a viu mudar de ideia e calçá-lo de novo. Então ela abriu espaço ao seu lado, no parapeito.

Ele se sentou. Nunca tinham se sentado do mesmo lado de coisa alguma.

Ela viu o copinho. Depois de um tempo, pegou a mão livre dele e a virou. Ele tinha mais que um comprimido, tinha a decisão mais

importante de sua vida. Quem se tornaria? Um homem livre ou um tigre amado? A solidão na lucidez ou a felicidade numa jaula?

Ela ergueu um dedo até o ombro dele, como sempre fazia, e começou a ler suas listras metafóricas.

“O que elas dizem esta noite?”, perguntou ele.

Ela acompanhou a velha linha pelo braço. No pulso, seu dedo parou e ficou pousado contra a pele.

“Dizem que você é amado.”

Atrás das grades, aquele que vencera naquela noite, o homem ou o tigre, fechou os olhos e chorou. Ela apanhou as lágrimas enquanto caíam, uma por uma, e eram quentes como uma acolhedora manhã de primavera.

Da janela, ele via a luz do quarto. O copo d’água estava onde a enfermeira o deixara. A mulher afastou a mão. Ele segurou o copinho entre as palmas.

Lá fora, um vento passou pela árvore. As folhas voltaram seu lado claro para a lua, e ele tomou a decisão.

Fim